

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

ROSENILDO PEREIRA

**A LUTA DO POVO TERENA POR CHÃO E GIZ: A IMPORTÂNCIA DA
IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA ELIO TURI RONDON PARA O POVO
TERENA DE MATO GROSSO**

**Barra do Bugres
2016**

ROSENILDO PEREIRA

**A LUTA DO POVO TERENA POR CHÃO E GIZ: A IMPORTÂNCIA DA
IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA ELIO TURI RONDON PARA O POVO
TERENA DE MATO GROSSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P4361 PEREIRA, Rosenildo.

A luta do Povo Terena por chão e giz: a importância da implantação da Escola Elio Turi Rondon para o Povo Terena de Mato Grosso / Rosenildo Pereira. – Barra do Bugres, 2016. – Barra do Bugres, 2016. 38 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação

Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini.

1. Povo *Terena*. 2. Cultura Imaterial. 3. Educação Escolar Indígena. I. Travessini, N. P., Dr. II. Título. III. Título: a importância da implantação da Escola Elio Turi Rondon para o Povo Terena de Mato Grosso.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

ROSENILDO PEREIRA

**A LUTA DO POVO TERENA POR CHÃO E GIZ: A IMPORTÂNCIA DA
IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA ELIO TURI RONDON PARA O POVO TERENA DE
MATO GROSSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 05 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Orientador

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor Avaliador

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe Maria de Jesus Pereira, pela luta em prol da minha sobrevivência e pela educação moral de seus filhos. À minha filha, Maria Eduarda Pereira Rondon. Aos meus irmãos, Willian Maicon Pereira e Breno Rondon Pereira. À minha esposa, Misma Turi Rondon Terena, pela presença em minha vida e durante o tempo em que passamos juntos no curso de Pedagogia Intercultural. Aos meus parentes de forma geral... À comunidade Terena do Norte de Mato Grosso e às lideranças, pelo apoio para que eu chegasse a esse nível e pela confiança que tiveram em mim para que eu pudesse trabalhar como educador. Ao cacique Milton Jorge Turi Rondon, pelo espírito de liderança demonstrado e que, sem medo de enfrentar desafios, decidiu iniciar a luta pela terra. Ao meu padrasto, Messias Clemente Rondon, que me incentivou em meus estudos junto com minha mãe Maria de Jesus Pereira. À minha avó, Isaura Alcântara Jorge, que me ajudou dando apoio, educação e força espiritual e conhecimento tradicional do povo Terena.

Em memória

Agradeço ao meu avô, Paulo Pereira...

Por fim, agradeço também ao senhor Aguinaldo Lucas Rodrigues, que no momento em que eu estava precisando, me ajudou com aparelho notebook para que eu pudesse desenvolver meu trabalho de pesquisa e assim concluir o curso de Pedagogia Intercultural.

AGRADECIMENTO

À Reitora da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Prof.^a Dr.^a Ana Maria Di Renzo, à Universidade do Estado de Mato Grosso, à Prefeitura Municipal de Barra do Bugres, à Fundação Nacional do Índio – FUNAI, à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – SEDUC e à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia – SECITEC.

À professora Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes, conhecida como Ninha, ao professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, a professora Dr.^a Mônica Cidele da Cruz e aos bolsistas que sempre estiveram nos ajudando nos trabalhos.

À comunidade Terena pelo respeito, amizade, carinho e pelas informações.

Agradeço ao pessoal do apoio, a senhora Preta e sua equipe, pelo trabalho desenvolvido na escola Agrícola em se tratando da parte de hospedagem e alimentação dos acadêmicos.

Manifesto toda a minha gratidão ao Professor Antonino Jorge e sua família, com o qual comecei a trabalhar na educação em 2011 e às lideranças da aldeia *Kopenoty* Terena, também aos alunos da escola Elio Turi Rondon Terena que contribuíram nos trabalhos do PIBID – Programa de Iniciação à Docência.

Agradeço aos meus colegas de faculdade que ingressaram juntos na Universidade em diferentes áreas do conhecimento, Misma, Sara, Juarez, Danilo.

Agradecimento especial ao professor Dr. Adailton Alves da Silva, ao meu orientador Neodir Paulo Travessini pelo trabalho desenvolvido na Unemat, acreditando no potencial dos acadêmicos indígenas de se tornarem protagonistas de suas comunidades. Agradeço a sua pessoa por me orientar no meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, por me auxiliar durante a pesquisa de campo e colocar à disposição os materiais de instituições de ensino, além de informações imprescindíveis à realização deste trabalho bem como sua divulgação.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada trata da luta do povo *Terena* de Mato Grosso e da importância da Escola Elio Turi Rondon Terena nessa luta. Esta pesquisa foi realizada com a comunidade Terena que mora na região de Peixoto de Azevedo e Matupá - MT, nas aldeias Terena *Kopenoty*, *Kuxonety Poke'e* e *Tury Puku*. Foi entrevistado um ancião da aldeia Córrego do Meio, da Terra Indígena Agua Azul, do município de Sidrolândia-MS e da Terra Indígena Pin/Buriti município de Dois Irmão do Buriti, local originário do povo *Terena*, que posteriormente se deslocou para Mato Grosso em busca de um território. Foram feitas ainda entrevistas com líderes que estavam à frente da comunidade no período de 1982-2003. Para fazer esse trabalho, também foram feitas pesquisas bibliográficas, análise de documentos históricos do povo Terena, tais como: atas de reuniões, ofícios, fotos. A escolha do tema surgiu a partir da necessidade de manter registrada a história do senhor Elio Turi Rondon Terena e sua importância no processo de implantação da escola e da escrita pelos próprios índios Terenas. Também, obtivemos dados que comprovam a relevância do senhor Elio Turi Rondon no fortalecimento da organização social e cultural do meu povo e que tem nos mantido unido. Essa força tem se materializado na escola, pois sabemos que este pode assumir um papel fundamental na manutenção da cultura, e das nossas tradições ancestrais.

Palavras-chave: Educação escolar indígena. Povo *Terena*. Cultura Imaterial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Aldeia Kopenoty no ano de 2003.....	17
Figura 2 –	Vista aérea da Aldeia Kopenoty no ano 2016.....	17
Figura 3 –	Fachada da Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena”	25
Figura 4 –	Hélio Turi Rondon Terena Inúxoti Natina.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA	13
CAPÍTULO II – KUTI ÛNDI TERENO´É - QUEM É O POVO TERENA DO ESTADO DE MATO GROSSO?.....	16
2.1 A luta do povo Terena do Estado de Mato Grosso pela conquista do seu território	16
2.2 Aldeia Kopenoty - “os tempos de chegada”	19
2.3 Tronco linguístico Aruak e a língua Terena	21
CAPÍTULO III – ÈXETINA IHÍKAXOVOKUTI YA KOPENOTY TERENA - A LUTA PELA ESCOLA ELIO TURI RONDON TERENA PARA A ALDEIA KOPENOTY.....	23
3.1 A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”	23
3.2 O nome da Escola – Biografia do homenageado	25
3.3 A função da escola para o povo Terena	28
3.4 O ensino da língua materna como condição de preservação do modo de vida tradicional na escola Elio Turi Rondon “Terena”	29
3.5 Os métodos de ensino que articulam saberes do povo com os conhecimentos ensinados na escola	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
CONSULTORES NATIVOS.....	36

INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena faz parte de uma conquista dos povos indígenas que somente foi reconhecida pelo estado na Constituição de 1988. Conforme Nascimento (2007) somente a partir de 1988, o Sistema Nacional de Educação adota novas políticas de tratamento, atendendo particularidades e peculiaridades culturais dos diferentes grupos étnicos, em uma perspectiva intercultural. A partir da referida Constituição é que os diversos povos indígenas tiveram reconhecidos as suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam (art.231). Com isso, os povos conquistaram o direito a ter uma escola com uma nova função social que passava a ter como referência as relações entre culturas(s), currículo e identidade: neste contexto a escola indígena passa a ser entendida como um novo espaço, um espaço de fronteiras sociais.

Como parte das estratégias de implementação das escolas obedecendo ao que foi estabelecido na constituição e também, para evitar a problemática que começava a surgir nas aldeias onde jovens tinham que migrar para cidade por não ter acesso à escola, e ao migrar se desvinculavam do povo, o governo federal promoveu a transição que tirava as escolas da responsabilidade da Fundação Nacional do Índio- FUNAI, considerada ineficiente e inoperante, passando-as ao Ministério de Educação. O MEC, junto com os estados e municípios, assume a responsabilidade de estabelecer uma nova política nacional para a educação indígena. Neste sentido, o estado de Mato Grosso inicia a implantação das escolas e qualificação de professores via Secretaria de Educação do Estado – SEDUC/MT.

Neste mesmo tempo, início da década de 1990, o povo Terena que vivia no Estado de Mato Grosso do Sul, inicia uma travessia em busca de ter uma terra no Estado de Mato Grosso, onde pudessem ter uma aldeia com espaço suficiente para criar seus filhos mantendo as suas tradições e costumes, como garantia de continuidade da sua cultura. Naquele tempo, o povo Terena passava por situações difíceis de sofrimento e luta para conseguir esta grande conquista, que era ter a sua terra e nela poder atingir um sonho maior ainda da construção de uma escola indígena específica e diferenciada para os seus filhos, onde pudesse ser ensinada a língua e também os conhecimentos do povo. Era a necessidade de ter uma escola Terena.

A condição de índios com pouca terra, confinados em pequenas reservas, levou-os à constatação de que o espaço físico onde viviam era demasiadamente reduzido para a sobrevivência do grupo, e este foi um dos principais motivos que fizeram com que essas famílias se submetessem à migração definitiva para longe de suas terras e de seus parentes, em

busca de melhores condições objetivas para se reproduzirem enquanto uma nação, enquanto um povo. (ZOIA et. al, 2015).

Foram muitos dias de luta, de viver de um lugar para o outro até chegar à área demarcada e começar a construir aldeia e depois a escola. A conquista da terra que também se tornou a conquista da escola, contou com a participação decisiva de um guerreiro que lutou muito para que esse espaço fosse conquistado, e que fosse específico dos Terena no Estado de Mato Grosso. Porém, por obra do destino, logo após ver o seu sonho realizado, infelizmente não lhe foi possível acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, pois teve a vida interrompida abruptamente em acidente de bicicleta na BR 364 na cidade de Rondonópolis.

Assim, o povo seguiu para o lugar onde iriam viver e continuar sua luta para construir a escola da comunidade Terena. Desde a luta pelo espaço, até o funcionamento da escola ela tem sido importante para o povo e para a formação dos alunos. A escola desempenha um papel fundamental criando estratégia de ensino, oportunizando aos alunos um ensino aprendido que os levem a desafiar os seus limites no que diz respeito a melhor compreender as complexas questões vivenciais, concretas e os problemas que afetam mais diretamente a cidadania do povo Terena.

A escola como espaço do povo teve que ser pensada principalmente no que deveria ou não ser ensinado, pois historicamente as escolas têm exercido um papel descolonizador do pensamento e da cultura dos povos, pois conforme nos fala Nascimento (2010) essa situação só muda quando os povos conquistam o direito a uma escola específica e diferenciada, multicultural e comunitária. Assim, os povos indígenas abrem um campo de estudos no qual, movimentam-se como protagonistas, no sentido de pensar o currículo a partir de outra lógica: a lógica do diálogo entre os seus saberes e os saberes legitimados historicamente pela cultura escolar.

Apesar de ser uma premissa que se apresenta em vários documentos federais como o Decreto 1904/96 do Programa Nacional de Direitos Humanos, LDB 9394/96 e Resolução 03/99/CNE/CEB, como em estaduais na Lei de 1989 e a LOPEB 49/98 e Resolução 201/04/CEE, o direito a uma educação ainda segue, com algumas exceções, o mesmo currículo das demais escolas pertencentes a estes sistemas. Entretanto, há como no caso da escola Terena que faz parte do processo de luta do povo um encaminhamento diferenciado das atividades que são desenvolvidas na escola.

Considerando estas garantias legais e as diretrizes curriculares nacionais para a educação indígena, ressalvamos nos parágrafos abaixo referências aos direitos das minorias étnicas. Vale ressaltar, que experiências no campo educacional no atendimento aos povos

indígenas são ações pouco realizadas por outras secretarias. É nessa perspectiva, que a escola Terena elaborou a sua própria proposta pedagógica, para garantir os dispositivos legais e contribuir com a melhoria da qualidade e condições de vida desses povos.

Isso porque há o entendimento de nossa parte, como professores e como povo, que atua na educação escolar indígena da necessidade de propormos projetos de ensino com vistas a estabelecer estratégias de resistência para impulsionar o fortalecimento do ensino da língua Terena na Comunidade. Temos que aproveitar este espaço de formação para valorizarmos esta dimensão da nossa cultura, que infelizmente tem passado por um processo de enfraquecido nos últimos anos.

Este fato ocorre em função das situações que vivenciamos, quando ainda morávamos em Rondonópolis e as crianças tiveram que estudar em uma escola do município. O fato de frequentarem a mesma escola que os “Purutuye”, como são chamados os não indígenas pelo povo Terena, e estabelecerem contatos acabou interferindo na nossa cultura. Todas estas experiências nos levaram a pensar que não era possível continuar sem uma escola que tivesse também a função de ensinar os conhecimentos do povo.

No processo de migração do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul, que em função da luta pela Terra vieram para Mato Grosso, o povo passou por um processo de grande impacto em seu modo de vida. No que se refere à educação, os alunos tiveram atraso em seus estudos e somente após o ano de 2003 conseguiram se estabilizar novamente. Segundo o professor Antônio Jorge, que dava aula desde quando ainda moravam em Mato Grosso do Sul, os professores que hoje atuam na escola Terena eram crianças e tiveram de estudar numa escola do município de Rondonópolis. Essas crianças vieram junto com suas famílias, que aderiram ao movimento promovido pelo cacique da aldeia Milton Rondon, e Cirenio Reginaldo da Terra indígena Pin/Buriti Aldeia Água Azul, Córrego do Meio e que são a maioria das pessoas que hoje se encontram no estado de Mato Grosso.

É por causa dessa história que atingiu as crianças e que preocupou os adultos, que nasceu junto com a luta pela terra a necessidade de também ter uma escola. Nesse sentido é que foi proposto este estudo para falar da importância que esta escola representa para o meu povo. Durante os movimentos de luta por um espaço, por um território de pertencimento Terena, as lideranças indígenas, tais como o cacique Milton Rondon, Cirenio Reginaldo, Cícera Chagas Reginaldo, vão percebendo a importância do processo de formação como modo de fortalecer a nossa identidade cultural e de reforço do significado da luta do povo Terena.

Neste trabalho, narro sobre a importância que a escola tem no meio do povo Terena e sobre o processo de criação no sentido de manter registrado esse marco, que é o funcionamento

da escola indígena Terena em Mato Grosso. A partir do registro desse estudo e pesquisa, em conformidade com a comunidade e faculdade, poderá ser usado como referência a outros projetos de pesquisa de outros acadêmicos que queiram se aprofundar mais na história do nosso povo.

Assim se configura o objetivo deste trabalho, que é descrever o processo de constituição da Escola Elio Turi Rondon, explicitando sua função e importância para o povo Terena. A história é da conquista de uma escola que também é a história da conquista da terra como garantia de um futuro em que as novas gerações pudessem conhecer e manter os saberes e os modos de vida do povo Terena.

O trabalho que ora se apresenta está dividido em três capítulos, sendo que no primeiro é descrita a metodologia de estudo onde se fala da opção metodológica e da forma como é conduzida a pesquisa e principalmente da relação explícita, entre o pesquisador e o objeto de estudo que em certa medida são a mesma pessoa. São as histórias do seu povo, que também são suas histórias, já que o mesmo está presente em todas as etapas, seja como pessoa ou como ente que vive os tantos tempos das histórias dos Terena.

Na segunda parte, é contada um pouco da história dos Terena na sua trajetória para Mato Grosso, como sendo um sonho de Helio Turi Rondon Terena, compartilhado com os demais, de possuir uma terra para que fosse possível manter os hábitos e costumes, modos de vida, relação com a natureza e também uso da língua materna. É uma luta para vencer o processo de destribalização do povo que começava a migrar para as cidades.

Na terceira parte, tratamos especificamente da escola, desde o desejo forjado nas tantas decepções que uma escola de não índio (puruye) produzia sobre as crianças indígenas. A escola, tomada como escola Terena, neste cenário se configura como a possibilidade de resgate da língua, que deveria ser falada pelos mais jovens e também de ser espaço para que os conhecimentos do povo pudessem continuar a ser ensinados.

CAPÍTULO I – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Uma pesquisa pressupõe a intenção do investigador em conhecer algo que ainda não foi estudado sob determinado aspecto, mas que a academia já tenha produzido algo que suscitou o interesse pelo tema, por isso normalmente se inicia os trabalhos com a busca de fontes ou produções científicas sobre o assunto. Ainda que seja um percurso rotineiro, para este trabalho o ciclo foi rompido, porque a pesquisa é também a história de vida do pesquisador. Contar como a escola foi conquistada junto com a terra e a sua importância, tanto na preservação da cultura, quanto na articulação para obter aquilo que era fundamental para a sobrevivência do povo é retomar o percurso de um caminho já conhecido.

Deste modo, a primeira atividade de pesquisa foi uma visita às memórias de tempos que de acordo com Benjamim (1929) são trazidas ao presente pelas lembranças que abrem as portas para o que veio antes e depois. Desta forma, uma recordação chama outra, compondo uma teia de lembranças mais ou menos singular, cuja textura se alinhava pela maneira como cada memorialista recolhe e amarra as imagens pregressas e busca sua significação. E como as lembranças da vida cotidiana, entrecruzam com as lembranças da luta, fazendo o mesmo caminho num sentido nem sempre linear, porque a vida é cheia de idas e vindas e paradas necessárias para entender os sentidos da vida.

Assim, além de ouvir a si mesmo, também é necessário ouvir o outro que caminha junto e por tempos e idades diferentes, possui outros filtros, para ver e explicar um mesmo fato ou acontecimento. Desta forma, se fez a opção pela utilização das fontes orais, como estratégia para a compreensão do percurso realizado pelo povo Terena e dos objetivos que promovem a caminhada. De acordo com Bosi (2003) a memória, o passado empurra e descola as percepções imediatas, ocupando o espaço da consciência, aparecendo “como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, lentamente e penetrante, oculta e invasora”. Olhar estas singularidades é necessário para a escrita de uma história, não circunscrita ao relato dos fatos que levaram o povo a caminhar, mas sim para compreender a como a caminhada produziu outros instrumentos para assegurar que a identidade do grupo fosse mantida.

Além disso, sabemos que a tradição da oralidade como fonte de conhecimento entre os povos indígenas tem um valor muito significativo, assim cada relato feito para este trabalho é também uma forma de revisitar os tempos e espaços de vivências que estão presente nos dias atuais.

A experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa

história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida à – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais, emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. (ALBERTI, 2004, p.14).

Entretanto, quando se trata de povos indígenas esse sentido é amplificado porque a sua concepção de mundo e entendimento das relações e interações que coexistem e não passam pelo individualismo apregoado pelo pensamento ocidental, mas por um entendimento e saberes dele decorrente que se pauta na ideia de sujeitos coletivos e interdependentes. Assim, as entrevistas permitem um entrelaçamento de fatos que vão sendo tecidos meticulosamente pela junção de todas as falas que ora reafirmam outras elucidam as mesmas vivências e o entendimento sobre elas.

Para atender os critérios da academia a apresentação e análise dos dados foram estruturados numa linha do tempo histórica, que narra desde a saída até a efetivação da escola como espaço de formação, mas também de vivências e preparação para uma vida como povo Terena.

As questões norteadoras da pesquisa foram: conhecer os marcos da criação da escola, entender o processo de escolha do lugar, do nome atribuído e dos métodos utilizados na escola. Todas essas informações, seriam levantadas a partir do relato das histórias do deslocamento do povo Terena para as terras no Mato Grosso e de como cada elemento foi sendo construído nesta jornada em busca de terra e de continuidade de um povo, mantendo suas tradições, costumes, modo de vida e notadamente a sua língua.

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado a técnica de entrevista e diálogo tendo como referência a história de luta e conquista da criação escolar. Foram entrevistados para este trabalho os primeiros professores. Como parte do processo de coleta das informações atuais sobre a escola foi levantado as fotografias da primeira escola e da escola atual.

A entrevista seguiu um roteiro previamente estabelecido no qual constava as seguintes questões: 1. Quem é o povo Terena do estado de Mato Grosso? 2. A onde a escola está construída? 3. Como se deu o nome da escola Elio Turi Rondon “Terena” 4. Qual é a importância da escola Elio Turi Rondon Terena na aldeia Kopenoty? Como a escola tem contribuído na formação dos alunos? Como tem sido o ensino da língua materna na escola? E qual é a sua importância? 6. Quem e quais foram os primeiros professores da escola Elio Turi Rondon? 7. Além disso, houve sempre durante as entrevistas uma diálogo mais informal no qual era possível ouvir outras questões que auxiliaram a compreender o processo de

transformação efetuado no currículo da escola mediante o processo vivido e que gerou a necessidade de além de conquistar a terra era também necessário conquistar uma escola.

CAPÍTULO II – KUTI ÛNDI TERENO É - QUEM É O POVO TERENA DO ESTADO DE MATO GROSSO?

2.1 A luta do povo Terena do Estado de Mato Grosso pela conquista do seu território

Inúmeros protestos marcam a nossa história constituída por constantes lutas visando à garantia da posse da nossa terra. A rigor, por anos a história foi marcada por insucessos, mas, sobretudo, por vitórias fundamentais que nos permitiram alcançar os objetivos almejados. Nesta história de lutas, é importante reconhecer o papel desempenhado pelos nossos parentes, que conosco se engajaram em propósitos comuns a todos os povos indígenas. A partir dos anos 1990, nossos protestos foram se intensificando cada vez mais. Nesse contexto, fizemos vários bloqueios na BR-163, saída de Rondonópolis para Cuiabá.

Nas palavras do professor Messias Rondon da etnia Terena, cacique da aldeia Turipuku: No início da migração para outro estado o pai dele, o Milton Rondon, sempre esteve à frente do movimento junto com seu pai Elio Turie Cirênio Reginaldo. Eu ainda era pequeno e estudava em um bairro em Rondonópolis. Lá vim a concluir meus estudos depois da conquista no ano de 2008. Lá já tinha um professor que deu aula durante o movimento para as crianças e que também acompanhavam seus pais nesta conquista. O cacique foi muito importante nesse movimento. No momento que tinha que ir para BR todos iam, todos se envolviam desde professores, jovens até as crianças. Isso eu acho que é porque não tinha realmente uma terra onde pudéssemos pensar na educação escolar indígena. Mas a luta continua até hoje, pois estou preocupado pelo respeito que as lideranças vêm perdendo, porque quando tinha um problema com o governo todos brigavam em conjunto. Agora é diferente porque somente o cacique está à frente na luta de seus direitos. A escola já não se preocupa em fazer referência a importância das muitas lutas que o nosso povo teve que empreender para conquistar o nosso espaço/ terra. (Messias Clementino Rondon, 2016).

A reivindicação por uma área em que fosse possível darmos continuidade ao nosso modo de vida próprio foi atendida no final do ano de 2002, quando ficou acordado entre Ministério da Justiça, INCRA– Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, e FUNAI – Fundação Nacional do Índio, sendo escolhida pela liderança Terena a Terra Indígena Iriri Novo.

No ano de 2003 deixamos para trás toda história de luta na periferia de Rondonópolis, transferindo-nos para o distrito de União do Norte, município de Peixoto de Azevedo, morando em casas de alvenaria que foram cedidas pelo governo federal. Posteriormente foram construídas 48 (quarenta e oito) casas na aldeia Kopenoty, a 5 quilômetros do distrito União do

Norte numa área de 30 hectares, cedida pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que futuramente serviria como ponto estratégico para as famílias indígenas irem povoando a terra pretendida, ou seja, Terra Indígena Iriri Novo.

Figura 1 – Aldeia Kopenoty no ano de 2003



Fonte. Acervo da Comunidade da Aldeia Kopenoty no ano de 2003

A foto acima mostra a aldeia Kopenoty após a construção das casas do projeto do governo e como ela está organizada. Podemos notar que no recomeço de uma nova era de colonização do povo, após a homologação da TI Iriri Novo e aldeia Kopenoty no ano de 2003, foram construídas 48 (quarenta e oito) casas de alvenaria.

O terreno foi doado pelo Instituto de Colonização Reforma Agraria-INCRA com a extensão da área de 30 hectares, onde temos brigado e reivindicamos a área para que seja repassada à Funai.

Figura 2 – Vista aérea da Aldeia Kopenoty no ano 2016



Fonte: Elieu Rondon ano 2016

A foto acima mostra a diferença da aldeia Kopenoty após 13 anos do período da chegada à terra, quando foram construídas as casas pelo governo. Podemos notar que houve grande mudança com plantações de árvores nativas e frutíferas tais como manga, caju, laranja jaboticaba, limão, jaca, maracujá etc., dando cores lindas da natureza na aldeia Kopenoty.

Atualmente o povo vive em Mato Grosso na Terra Indígena Iriri Novo, com 32 mil hectares, já demarcados e homologados e 20 mil hectares em processo de demarcação. Habitam este território várias etnias distribuídas em 4 (quatro) aldeias. A Aldeia Kopenoty, situa-se a aproximadamente 75 (setenta e cinco) km da sede do município de Peixoto de Azevedo e é constituída por 25 famílias, das etnias, Terena, Paresi, Guarani-Bororo e Tapirapé.

A Aldeia Inamaty, situa-se a aproximadamente 180 (cento e oitenta) km da sede do município de Matupá e é constituída por cerca de 5 (cinco) famílias das etnias Terena e Kaiyapo. Já a Aldeia Koxonety Poke´e, situa-se a aproximadamente 200 (duzentos) km do município de

Matupá é constituída por cerca de 150 (cento e cinquenta) famílias das etnias Terena, Kayapo, Paresi, Guarani-Bororo e Tapirapé que distribuem-se ao longo do seu território.

Por fim, a Aldeia Turipuku, situa-se a aproximadamente 170 (cento e setenta) km do município de Matupá, e é constituída por cerca de 8 famílias das etnias Terena e Bororo.

2.2 Aldeia Kopenoty - “os tempos de chegada”

Os primeiros anos na terra foram muito difíceis, porque houve muita luta para que ocorresse a demarcação das terras. Nós chegamos no final do ano de 2003 e só em 2008 que aconteceu a homologação da nossa Terra. Esse ano representa um marco importante na história do povo, pois foram homologados 32 mil hectares dos 52 mil reivindicados durante anos de luta, protestos e fechamento de rodovias. A luta do nosso povo continua no sentido de garantir a homologação de mais 20 mil hectares, essenciais para a garantia de um modo de vida tradicional que necessita de florestas preservadas, implicando em fauna e flora potencialmente pródigas em elementos naturais indispensáveis à alimentação tradicional do nosso povo.

Neste período a escola era muito atuante junto à comunidade. Ainda que houvesse apenas dois professores com a escolaridade até quarta série, que ensinavam na língua Terena, estes dificilmente conseguiam cumprir a carga horária estabelecida na escola, pois era necessário contribuir nas manifestações. O processo de reivindicação era muito intenso e precisava das crianças e professores na ajuda dos bloqueios da rodovia.

A história do povo Terena é marcada por permanências e mudanças, em função do modo de vida dos antepassados em Mato Grosso do Sul. O contato com outros povos indígenas e não indígena fizeram com que muitos dos hábitos fossem sofrendo transformações constantes. Tais mudanças podem ser notadas no trabalho e na relação do contato com a Terra e seus produtos. Nota-se que até mesmo as construções das casas tradicionais, as vestimentas, os alimentos entre outros hábitos, sofreram profundas alterações, modificações por conta do contato com outros povos, outras culturas, enfim com hábitos totalmente diferentes que os nossos costumes originais. Por outro lado, muitas coisas resistiram ao contato, tais como, a língua, as festas, as relações familiares, a política, o artesanato, entre outras manifestações culturais.

O povo Terena de Mato Grosso mantém o costume da prática de caça e pesca e extração de mel de abelha. Entretanto, se nota poucos membros dentre algumas comunidades que mantém esse costume, e isso descende de tempos passados em que esse aprendizado veio de sua família, quando conviveram tempos juntos na aldeia Pobore em Rondonópolis MT (reserva

Bororo Tadarimana), e ali vieram a trocar saberes no conhecimento em práticas de caça e saberes em plantio de roças. Dessa forma, um aprendia a forma de como se caçar e pescar, bem como cultivar roças, que na época eram praticadas para sustento alimentar e econômico da comunidade que ali morava.

Após sair de vez para a luta, morando temporariamente às margens das rodovias, e consequentemente após muito tempo de luta, conseguimos conquistar um novo território e exercer nossas praticas que já estavam influenciadas. Era uma terra nova que exigia outras formas de fazer as antigas atividades como caça e pesca. E também, agora tinham as experiências adquiridas na convivência com os outros em Mato Grosso do Sul e Rondonópolis, que por isso influenciavam significativamente as atividades. Entretanto, ainda que tenham recebido as influencias dos outros e tenham vivido um longo tempo de lutas, muitos conseguiram guardar consigo esses usos e costumes, o que garantiu uma continuação desse aprendizado familiar e intercultural.

Isso pode ser observado no fato de que no Mato Grosso do Sul o povo Terena se dedicava mais à agricultura e, com o contato com os Bororo em Mato Grosso, passaram a realizar as atividades de caça e pesca, basicamente atividades voltadas mais para a alimentação. Mas, o povo, além destas atividades de manutenção de alimentação, também tinha prática de lidar com plantas medicinais e isso acabou sendo resgatado quando chegaram na terra demarcada. Assim, mesmo com todas as dificuldades passadas no período da travessia, já é possível visualizar um retorno da prática de cultivo e extração de remédios tradicionais.

Observa-se neste exemplo a capacidade do povo de se reorganizar e manter suas tradições mesmo diante das adversidades. A esta capacidade de manter sua cultura, mesmo em situações de risco é dado o nome de Resiliência cultural. Esta é conhecida como a capacidade do povo de não perder seus conhecimentos e nem a sua língua, mantendo os seus hábitos e costumes suspensos por um tempo em que estão ameaçados, retomando-os assim que encontra as mesmas condições favoráveis às suas práticas. Segundo Duquesnoy (2014), a resiliência beneficia precisamente a aprendizagem e o manejo das fortalezas, para através delas, vencer o infortúnio e atingir a situação favorável novamente.

Assim, há uma mistura das duas atividades como base do fornecimento de alimentos, seja provinda da caça e da pesca, quanto da sua atividade agrícola com o cultivo das roças tradicionais. Pelo seu modo de vida os Terenas vivem na floresta numa sintonia muito íntima de coexistência, observando e respeitando os ciclos de vida e podendo assim desfrutar de tudo o que ela oferece como, coleta de frutas, caças, desmate racional, visto que o pedaço de mato necessário ao cultivo de roças tradicionais normalmente é bastante reduzido.

A única preocupação é em relação ao acesso que o não índio tem em entrar na reserva para caçar e pescar em algumas aldeias Terena, com ou sem permissão do povo. Essa interferência do não índio nas terras indígenas se constitui numa ameaça ao território e ao seu estoque de caça e pesca. No futuro isso poderá causar um descontrole ambiental e incentivar os jovens e crianças a práticas sem consciência do que pode acontecer depois se não respeitarmos o meio ambiente. O uso dos recursos naturais da Terra Indígena também deve atender às atividades culturais, por isso desde muito cedo as crianças aprendem a participar da organização e preparação das festas tradicionais. Podemos dizer que todos os membros da comunidade Terena são responsáveis pela organização da festa: adultos, anciões, jovens, mulheres e crianças, participam de todas as atividades da semana indígena, que todo o ano é comemorado no dia 19 de abril, dia do índio.

Para dar início às atividades da festa, o cacique convida a todos para participarem da limpeza da aldeia. Feita esta etapa ocorre neste período as construções das casas tradicionais, onde o compartilhamento ou ensinamento dessas práticas se dá em conjunto com as crianças. Desde os 9 anos de idade já passam a aprender a construir as suas casas tradicionais. Para falar desse assunto com mais propriedade solicitei a ajuda de um ancião que conhece o processo e os materiais que são usados para construir uma casa tradicional Terena. Para tanto, realizamos uma entrevista com o ancião Felipe Honorato Terena, que assim pronunciou:

Eu tenho uma preocupação hoje que é a falta de matéria prima usada nas casas. Estão ficando em falta do taquaruçu e capim embé, ou o mais usado que é o sapé. Mas esses não tem aqui. Esses materiais as crianças daqui não conhecem pelo fato de ser de outro território. O capim embé ou sapé era usado na cobertura da casa, e o taquaruçu era muito usado para fechar os lados da casa e ainda servia como cama para essas construções. Era assim, os Terena batia a taboca muitas vezes cortando ao lado até abrir todas, e assim já estava pronto para ser usado. Hoje em dia muitas aldeias como Córrego do Meio e Buriti em Mato Grosso do Sul ainda são utilizadas as mesmas técnica de construção da casa tradicional. Agora aqui em Mato Grosso, por ser matas de grande extensão e reserva nativa, não é visto este tipo de material, então tivemos que usar o que no momento tinha, no caso, o bacuri, para cobertura e para fechar em volta se usa madeiras roliças ou paxiuba da mesma forma construímos as nossas casas. (Felipe Honorato Terena, 2016).

2.3 Tronco linguístico Aruak e a língua Terena

Segundo Ladeira (2003, p.12) “a língua falada pelos Terena conserva alguns elementos linguísticos da língua falada pelos povos Laiane Kinikinau”. Embora em outros aspectos notem-se diferenças substanciais, o que há de comum entre ambos os elementos da linguagem falada por estes três povos, nos permite concluir pela existência de um vínculo de ambas as famílias linguísticas, a saber, há uma origem comum denominada tronco linguístico Aruak. A identificação dessa língua comum é importante porque, por intermédio dela, podemos saber um pouco sobre a origem dos Terena e localizar o lugar onde vivemos e viveram nossos antepassados, para ao par da trajetória de peregrinação empreendida pelos Terena, buscar melhor compreender a importância desempenhada pela escola no processo de tomada de consciência dos educandos de pertencimento étnico.

Como explicitado nas seções anteriores, nós Terena, migramos de Mato Grosso do Sul na década 1982 para o estado de Mato Grosso, falamos a língua do tronco linguístico Aruak. Porém, durante o processo de luta por uma reivindicação da terra e o direito de sermos reconhecidos como Terena de Mato Grosso, as crianças e jovens da comunidade Kopenoty acabaram por serem ensinados em Língua Portuguesa, pois frequentaram escolas não indígenas, isto fez com que, em sua absoluta maioria, falassem fluentemente o português e embora compreendendo os ditos em língua Terena, não falavam em Terena.

Esta realidade começa a sofrer um lento processo de modificação com a chegada da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena. No ano de 2003 todo o processo de ensino da língua Terena passou a ser ensinado na escola como forma de reforçar esta prática cultural vivenciada por nós, Terena, em nossas conversas de pátio de aldeia. Também a escola trabalha a cultura tradicional, como dança, cantos, mitos, lendas e treino de tiro ao alvo de arco e flecha, bem como práticas e técnicas agroecológicas do povo Terena. Ainda que a língua Terena esteja presente entre a comunidade, há uma quantidade imensa de anciãos falantes da língua originária Aruak, onde temos valorizado grande parte da conquista da revitalização para que os jovens da aldeia Kopenoty venham cada vez mais a valorizar e fortalecer esta prática linguística milenar do povo Terena.

CAPÍTULO III – ÈXETINA IHÍKAXOVOKUTI YA KOPENOTY TERENA - A LUTA PELA ESCOLA ELIO TURI RONDON TERENA PARA A ALDEIA KOPENOTY

3.1 A Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”

Devido à impossibilidade de acesso a esta área, Terra Indígena Iriri Novo, por motivo de chuva a comunidade permaneceu em uma área de aproximadamente 30 hectares doada pelo INCRA à FUNAI, próximo ao Distrito de União do Norte, às margens da antiga BR-080. Neste espaço foi construída a primeira escola no mesmo local onde se formou a aldeia Kopenoty. Eram apenas três salas, cobertas de palha e cercada de madeira no tamanho de 16m por 6m onde se atendiam cerca de 80 alunos funcionando como salas anexas da Escola Municipal 19 de Julho. Naquela época a escola possuía estruturas mínimas e contava com apenas dois professores indígenas Terena, que eram remunerados pelo município: Timóteo Reginaldo Gomes e Silas Jorge Cruz.

Durante 11 meses as crianças que sonhavam em ter uma escola, foram obrigadas a estudar neste anexo de outra escola, no qual muitos não conseguiram se adaptar, pois estudavam junto com os não indígenas, porque sofriam muitas discriminações por serem índios. Diante da demanda de alunos do ensino fundamental e médio, houve a necessidade das lideranças requererem junto à SEDUC - Secretaria de Estado de Educação, a criação de uma escola específica e diferenciada (Escola Indígena) já que isso se tornara uma bandeira de luta para continuar mantendo e fortalecendo a cultura tradicional do povo Terena.

Em função da demanda apresentada e dos movimentos para ter uma escola do povo Terena, foi criada em 18 de fevereiro de 2004, pelo Decreto nº 2587/2004 da SEDUC/MT, a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, localizada às margens da MT-322, km 75 (antiga BR-080), no distrito de União do Norte, município de Peixoto de Azevedo-MT.

Para retratar esse período, procuramos o senhor Milton Rondon, que relatou que a primeira diretora da escola Elio Turi Rondon foi a mulher do cacique Cirenio Reginaldo, Cícera Chagas. Os professores eram indígenas que tinham concluído o ensino médio na cidade ou que ainda estavam estudando no ensino médio e dois eram não indígenas. O cacique relata ainda sobre esse período e sua percepção do momento atual como sendo de muita satisfação ver a escola que o povo conquistou.

O Cacique Milton Rondon disse em entrevista:

Foi difícil a luta para conseguir a escola em que as crianças hoje estudam. Teve que fazer muitos movimentos e ir lá na cidade, na FUNAI para então nós mesmo fazer o lugar da primeira escola. E não podia parar não, então depois veio esta escola que está ai. Então eu fico alegre de ver todos os dias as crianças irem para a escola aprender junto com os professores. E que também esses professores são indígenas. Agora está mais fácil por que a escola está dentro da aldeia e nesse sentido contribui no ensino e aprendizagem dos alunos, e também sabemos que o que está sendo ensinado é pelo próprio povo. Agora a escola é das crianças Terena, é uma escola do nosso povo. (Cacique Milton Rondon, 2016).

A escola foi instalada ao lado de outras construções de atendimento público, como o posto de saúde, a igreja, o campo de futebol, a quadra de vôlei e o campo de treinamento de tiro de arco e flecha, torre de telefone, caixa d'água e também da roça. O entorno da escola é arborizado com árvores nativas que fornece sombras e frutas, como por exemplo: plantações de manga, caju, jaca, jabuticaba, laranja e poncã que são utilizados na merenda escolar e também pela comunidade.

A escolha do local da escola se deve ao fato de que as construções tiveram de se concentrar num espaço pequeno, pois neste período a área era de apenas 30 hectares e precisava acomodar a todos. A escola foi construída em alvenaria seguindo o modelo das escolas estaduais de Mato Grosso e com 20 m² e tem a seguinte infraestrutura:

Três salas de aula;

Dois banheiros;

Uma sala administrativa;

Uma cozinha e refeitório;

Uma biblioteca e laboratórios de informática;

Uma sala de criança que estuda na fase primaria (creche) língua materna

A escola funciona nos três períodos, atendendo atualmente uma demanda de 141 alunos matriculados e mais 9 alunos que aguardam transferência de outras instituições. No período matutino são atendidos 34 alunos sendo: II ciclo: 1^a, 2^a e 3^a fase; III ciclo: 1^a, 2^a e 3^a fase. No período vespertino atende 47 alunos sendo, EJA 1^o segmento: 1^o e 2^o ano; EJA 2^o segmento: 1^o e 2^o ano, EJA ensino médio Educação Indígena: 1^o ano, I ciclo com 1^a, 2^a e 3^a fase. E no período noturno são 69 alunos, cursando ensino médio regular, Educação Indígena, sala multisseriada, 1^o, 2^o e 3^o ano, EJA 2^o ano Educação Indígena, ensino médio e EJA 1^o ano ensino médio Educação do Campo. A escola possui ainda mais uma sala com 18 alunos da educação infantil (creche), mantida pelo município, sendo estes alunos Indígenas Terena da

Aldeia Kopenoty, do tronco linguístico Aruak e também alunos não indígenas moradores circunvizinhos (sítios, chácaras e fazendas), sendo todos os alunos beneficiados pelo programa Governamental Bolsa Família.

Figura 3 – Fachada da Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena”



Fonte: Rosenildo Alcântara Pereira

A instituição atualmente mantém 20 funcionários, sendo todos indígenas moradores da aldeia Kopenoty, sendo 03 gestores (Diretor, Coordenador e técnico administrativo), 09 professores (04 uni docentes) 05 professores de diferentes áreas, 02 vigias, 01 técnico de laboratório de informática, 01 técnico bibliotecário, 02 nutricionistas (merendeiras) e 02 serviços gerais.

3.2 O nome da Escola – Biografia do homenageado

O nome da escola foi em função de que o homenageado fora a pessoa que encaminhou os Terena para o Mato Grosso, mas que por ter sofrido um acidente, não chegou nem mesmo a ver o lugar que materializaria seus sonhos. Assim, a escola recebe o nome de Elio Turi Rondon

“Terena”, cuja personalidade nasceu no dia 30 de outubro de 1933, na aldeia Urubu Branco do povo Tapirapé, no município de Santa Terezinha-MT, hoje pertencente ao município de Confresa-MT. A homenagem do nome da escola é ao senhor Helio Turi Rondon, mas no ato da criação da escola a ata foi redigida sem a letra **H** em seu nome, ficando como **Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena”**.

Figura 4 – Hélio Turi Rondon Terena Inúxoti Natina.



Fonte. Acervo da Família de Hélio Turi Rondon

Devido aos constantes conflitos entre os Tapirapé com o povo indígena Kayapó, Hélio Turi Rondon Terena, ainda recém-nascido, perde seus pais na guerra tribal (Tapirapé e Kayapó). Como ficou órfão, foi morar com um de seus tios, que logo depois o entregou ao Marechal Cândido Mariano Rondon e foi levado para o Estado do Rio de Janeiro. Lá frequentou a escola agrícola criada pela instituição SPI (Serviço de Proteção ao Índio) no comando do então Marechal Rondon. Devido à burocracia da sociedade judaico-cristã ocidental, que o obrigou a

tirar documentação pessoal, Elio foi registrado em cartório civil recebendo o sobrenome Rondon.

Por volta dos 16 anos, Helio Turi Rondon Terena, percebendo as suas diferenças com a sociedade não indígena, quis retornar a seu povo de origem, e foi morar com um chefe de posto em uma aldeia no Estado de Mato Grosso do Sul. Posteriormente esse chefe, Helio Buk, foi transferido para o (PIN) Posto Indígena Buriti (Aldeia Terena) e levou junto Helio Turi Rondon Terena. Ao chegar na aldeia, aos 17 anos, amigou-se com uma jovem Terena que veio a falecer no pós-parto do primeiro filho. Aos 18 anos foi servir o exército brasileiro em Campo Grande/MS, ficando um ano no quartel. Após dar baixa no serviço militar, foi convencido pelos colegas a retornar para aldeia Terena. Em seguida, conheceu outra mulher Terena constituindo uma nova família na qual teve filhos e filhas.

Por volta da década de 1980 voltou a repensar em seu povo Tapirapé, e com isso o desejo de ir para Mato Grosso. Também a aldeia onde vivia já enfrentava problemas de espaço, que se tornava pequeno e incompatível com seu modo de vida. Associando os problemas no lugar onde morava com o desejo de reencontrar seus remanescentes e obter maior espaço territorial para viver com sua família, se coloca em marcha para a conquista de um novo território.

No ano de 1982 chegou à capital de Mato Grosso acompanhado por seus familiares e por falta de recursos financeiros não foi possível concluir sua viagem esperada até a aldeia Tapirapé. Neste tempo foi indicada, pela FUNAI, uma aldeia próxima ao município de Rondonópolis-MT, do povo indígena Bororo, por motivo de o senhor Helio Turi Rondon Terena professar a fé cristã e aquela comunidade ser da mesma religião, e permaneceu naquela região até o ano de 1989.

Novamente, o espaço se tornou pequeno e também por motivo de choque cultural e crescimento populacional teve que se retirar daquela aldeia, passando a morar no bairro Parque São Jorge da cidade de Rondonópolis. Porém, Elio Turi Rondon Terena jamais abandonou o desejo de aquisição de uma área nesse estado onde pudesse desenvolver suas atividades sociais e práticas culturais. Em agosto de 1988 houve a primeira reunião com lideranças indígenas Terena, Bororo e representante da FUNAI, quando foi elaborado o primeiro documento com vistas à aquisição de uma área exclusiva para a população Terena.

Em 17 de dezembro de 1997 intensifica-se esta luta com a chegada de novas famílias vindas de Mato Grosso do Sul com o mesmo objetivo. Mas o senhor Helio Turi Rondon Terena, um dos grandes líderes pioneiros nessa luta dos Terena de Mato Grosso, teve a sua luta

interrompida por uma tragédia que ocorreu em 3 de janeiro de 2003, na BR-364 na cidade de Rondonópolis.

Entretanto, o seu sonho se tornou realidade nesse mesmo ano, pois a população Terena foi contemplada pelos órgãos federais, FUNAI, INCRA e Ministério da Justiça (MJ), com uma área de 52 mil hectares na gleba Jarina, municípios de Peixoto de Azevedo e Matupá/MT. Em janeiro de 2003 o povo Terena migrou da cidade de Rondonópolis para o município de Peixoto de Azevedo, liderados pelo cacique Milton Rondon, filho de Helio Turi Rondon Terena e Cirênio Reginaldo, com o objetivo de tomar posse da nova área pretendida.

3.3 A função da escola para o povo Terena

A escola tem uma importância fundamental para o crescimento e desenvolvimento da sociedade indígena em seu contato com a sociedade, envolvendo em seus aspectos intelectuais e interculturais, preservando em si a sua forma de ensino tradicional, ensino da língua materna e práticas culturais. Além disso, construindo projetos de educação diferenciada, visando desenvolver experiências integracionistas abrangentes.

Em relação ao aspecto intelectual, a escola nos últimos anos vem se politizando com os movimentos sociais e direitos sociais, o próprio direito a educação, a moradia, a saúde e ao trabalho, seja por razão política ou ligado ao indivíduo à educação escolar. Ela se constitui em um canal que vai dar acesso aos bens sociais e à luta política. Esses direitos referem-se a grupos diferenciados, fica em suas demandas não apenas o social, mas o coletivo. Esse conceito da educação é uma construção histórica significando tempo e espaços diversos. A escola sendo comprometida com a qualidade de acesso aos conhecimentos gerais, empenhando e garantindo o acesso aos grupos sociais e população em desvantagem na sociedade, com uma educação de qualidade que contribui para fortalecer o combate às desigualdades na escola, garantindo a redução da evasão com o sistema de ensino que a instituição adotou.

No que diz respeito ao aspecto cultural no processo de reelaboração da cultura, a escola tem sido um lugar estratégico para revitalização sociocultural, sua maneira específica de trabalhar e ser ressignifica uma nova perspectiva, garantindo autonomia pedagógica. O sistema de ensino continuado elabora meio estratégico para qualidade sociocultural. Com a formação inicial de professores indígena com licenciatura intercultural, garante que os projetos serão desenvolvidos em harmonia com a cultura de cada povo, assegurando que os princípios da especificidade como o bilinguismo e multilinguismo, fundamentados em projetos educativos

da comunidade escolar, valorizam suas línguas e conhecimentos tradicionais, bem como seu modo de organização, levando em consideração a gestão da escola.

A instituição tem como objetivo preparar alunos, da educação básica (bilíngue), como críticos, formadores de opinião e prontos do ponto de vista da cidadania, para quais quer desafios na sociedade ocidental.

A inclusão social, política e econômica integra o aluno, a sociedade envolvente sem deixar que ele perca a sua cultura tradicional, valorizando a língua materna, mitos, crenças, cantos e danças. Esse se constitui no foco primordial da escola no contexto da nossa comunidade. A partir desses objetivos a instituição visa que o aluno aprimore seus conhecimentos aderindo a nível superior que posteriormente retribuirá a comunidade de origem, podendo preparar mais discentes aptos para enfrentar os maiores desafios relativos ao seu modo de vida tradicional.

3.4 O ensino da língua materna como condição de preservação do modo de vida tradicional na escola Elio Turi Rondon “Terena”

A escola tem trabalhado no fortalecimento da língua Terena desde o ensino básico – da alfabetização ao ensino médio – transmitindo os conhecimentos dos anciãos da comunidade Kopenoty. Nesse contexto a língua é como um elemento cultural que possibilita a auto estima do aluno e afirma a identidade do grupo étnico, ao lado de outros elementos culturais como a relação com a terra, a observância e o respeito a ancestralidade cosmológica, às tradições culturais, os rituais e as cerimônias tradicionais. Toda e qualquer atividade desenvolvida na escola tem que tematizar o modo de viver e a cultura.

De acordo com os anciões, a língua Terena é algo dado para as pessoas quando nasce e quer aprender, significa acessar uma segunda língua, conforme observamos no depoimento minucioso e ao mesmo tempo emotivo feito por uma mulher Terena:

A língua Terena não se aprende, não. É assim, o índio já nasce falando a língua de origem, não precisa aprender. Então a língua portuguesa sim, essa precisa ser aprendida, porque passa a ser uma segunda língua para os Terena. Então isso tem nos dado alegria de viver conforme a nossa cultura porque a língua está com o povo. Eu admiro muito quando vejo as crianças falando em português também, porque no meu tempo na época que minha mãe e meu pai era vivo as crianças só falavam em Terena. Hoje as crianças sabem e falam Terena, mas também aprende português. As crianças falam muito. No meu tempo não tínhamos tempo para

brincar, nós ficávamos somente trabalhando, quase não precisava falar. E a noite logo íamos dormir porque papai não gostava que nos escutássemos os adultos conversando. (Sirika Isaura Alcântara Jorge, 2016).

O domínio da língua oral e escrita vem sendo ensinado na escola em salas desde o ensino na creche ao ensino médio. Na aldeia Kopenoty temos dois anos de experiência das crianças que estão estudando na escola na creche, e tivemos grande avanço com as crianças que começaram a falar na língua Terena. Hoje estamos com uma professora falante da língua Terena que ensina as crianças somente a falar e cantar em Terena e outro professor que leciona no ensino fundamental e no ensino médio que ensina a escrever e falar a língua Terena, isso tem nos deixado muito contente por que pensávamos que um dia não teríamos mais falantes nessa aldeia. Desta forma, a escola tem nos proporcionado e dado esperança a mais para que esse grupo possa prosseguir com sua cultura, que no passado sofreu com discriminação e desapropriação de seus territórios, o que levou a desaparecer grande parte de seus costumes.

Temos observado que os alunos têm se empenhado para aprender mais sobre, não só da “língua”, mas das técnicas de vivência tradicional do povo Terena. O povo indígena Terena continua afirmando que a escola é o melhor caminho para seus filhos porque é a partir do conhecimento indígena que o aluno aprende sobre seus direitos sociais e culturais, bem como as relações com a natureza e com a terra, que tem nos proporcionado alimentos essenciais para a nossa alimentação tradicional.

Muitas vezes estes saberes têm sido ensinados nas casas junto com os pais. Nesse contexto, o professor então desempenha o papel de mediar o que foi ensinado, cada aluno vem para escola com o conhecimento que tem sido aprendido com a vivência dentro da aldeia desde a sua infância. Então os pais depositam grande confiança na escola, pois para eles seus filhos estão aprendendo cada vez mais sobre a cultura do povo Terena e de outros povos vizinhos das etnias Kayapo.

Conforme explicita o RCNEI (Brasil, 2005, p. 113):

O homem usa a linguagem para expressar seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções; pode usá-la para convencer e para construir discursos políticos; para fazer poesias, descrições e relatos. É a linguagem, também, que nos permite criar narrativas, cantos, rezas e mitos, espaços onde buscamos dar sentido a nossa própria existência.

A língua materna tem grande importância para o povo Terena, pois significa uma estratégia de fortalecimento da nossa cultura e de resistência, porque existem momentos no

contato com os não índios no qual precisamos resolver algumas coisas e então falamos na língua e nesse momento é um entendimento só nosso.

A fala de Sirika Isaura Alcântara Jorge em sua intervenção, é muito importante:

A língua é uma coisa muito importante, as vezes ela defende o povo, ajuda a falar só entre o povo, porque também nos ajuda a nos comunicar nas reuniões junto com os Purutuye. É nesse momento que nós traçamos ideias, porque entendemos uns aos outros e quando conversamos na nossa língua Terena os Purutuye não entendem. (Sirika Isaura Alcântara Jorge, 2016).

Existe um grande número de pessoas falantes da língua Terena em Mato Grosso, aproximadamente 20 pessoas entre anciões e jovens que vieram do estado de Mato Grosso do Sul da aldeia Limão Verde e os que haviam permanecido durante a luta da conquista da terra. Outros tantos ainda estão em processo de aprendizagem, porém entendem o que se fala na língua. Essa importância que trago em meu trabalho é das mais estimas em consideração ao meu povo Terena que já avançou após mais de dez anos sendo mato-grossense e, ao mesmo tempo, carregando os costumes das antigas vivências do Mato Grosso do Sul. A parte dos Terenas que vivem em Mato Grosso foram se constituindo em um povo alegre e simples.

Do ponto de vista da cultura, a presença da escola na aldeia Kopenoty representa reconhecimento e fortalecimento do nosso modo de nos organizarmos, tendo em conta o contato com o modo de organização próprio da cultura ocidental. Nesse sentido, a escola tem de reconhecer também o amálgama de culturas indígenas existentes, pois além de nós Terena, no atual estágio civilizacional, conviveram também com etnias tais como os Bororo, Guarani, Kaiyapo e Panara que tem nos ajudado a somar força cada vez mais. Nesse sentido relato ainda que os parentes tiveram grande participação na busca do espaço em que hoje vivemos.

3.5 Os métodos de ensino que articulam saberes do povo com os conhecimentos ensinados na escola

O dia a dia na escola, os cursos que fazemos e outras informações que tem chegado na escola, como no caso dos materiais e orientações pedagógicas, vão desenhando o fazer pedagógico. No entanto, há algo que sempre é mais forte para nós, que é relacionar qualquer atividade à nossa cultura, seja na língua, nas práticas ou nos costumes do povo. A escola é para nós não só o resultado da luta, mas agora também o espaço para fortalecer a cultura e estar preparando as crianças para viverem como o povo no qual elas nasceram. As atividades feitas

pelos professores dão conta de fazer o que pede a educação, mas também abre espaço para trabalhar aquilo que consideramos fundamental como relatado pela professora:

As crianças Terena da aldeia Kopenoty falam bastante palavras em Terena que já tinham aprendido nas casas com os pais, então eu passei a observar isso, e em meu planejamento pedagógico comecei aplicar palavras e, como complementar cantigas, palavras soltas, frases, tudo falado sem escrever e isso que tenho ensinado nas brincadeiras que fazemos na escola. As crianças vão aprendendo mais sobre a nossa língua. (Professora Rosalina Deufino).

Ao observar a aula da professora Rosalina tive a oportunidade de conhecer a maneira como ela faz o ensino pedagógico. Ela faz outras atividades, além de ler e escrever as palavras. Ao sair com seus alunos para fora da sala de aula para brincar e contar histórias do povo, está ensinando também para as crianças as palavras em Terena. Isso ajuda porque permite as crianças ter contato com outras metodologias de ensino que são as atividades lúdicas que trata a Psicologia da Aprendizagem. Isso traz a compreensão de que manter as crianças envolvidas com atividades que elas gostam também ensina, pois estamos respeitando não só as fases do desenvolvimento humano, mas também o fato de que “cada criança aprende de modo diferente e tempo diferente uma das outras”.

A língua é também a chave que nos permite conhecer todo o universo cultural de um povo. A cultura de um povo é, nada mais nada menos, que o conjunto de respostas que aquele povo dá as experiências pelas quais ele passa e aos desafios que ele sofre. A língua, bem como a cultura, vai sendo moldada ao longo do tempo. Qualquer grupo social humano é um universo completo de conhecimento integrado, com fortes ligações com o meio em que se desenvolveu. O conhecimento das línguas indígenas e, através delas, o conhecimento da experiência e do conhecimento acumulados pelos povos que as falam é de valor cultural e social inestimável. (TEIXEIRA, 1995, p.293).

Desta forma podemos afirmar que a língua é um dos elementos da cultura que afirma as identidades de um povo além das histórias, mitos, música, canto e ritual fazendo parte de um mesmo corpo e isso tem fortalecido junto com a escola e comunidade e anciões falante da aldeia Kopenoty.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, junto com a terra, aparece neste cenário como peças fundamentais na luta pela sobrevivência, mais significativamente para a continuidade da cultura Terena. Estes dois pontos se convergem em elementos que representam as fortalezas do povo no resistir à mudança de vida da aldeia para uma vida urbana. O povo Terena conquista com estes dois elementos o direito a viver como seus antepassados, ainda que tenha agora a influencia de outras vivencias ocorridas na trajetória de migração que dure anos.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Kopenoty, lugar que se localiza a escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, com objetivo de manter registrada a memória do Senhor Elio Turi Rondon que hoje já não está mais entre o seu povo Terena, e que por motivo acidental na rodovia veio a óbito após a homologação da Terra Indígena Iriri novo e Kopenoty. Assim, em consideração à história de vida marcada pela luta em prol do povo Terena, é que optei por abordar a trajetória desta importante liderança e a escola da aldeia Kopenoty.

No que se refere à educação, o senhor Elio sempre lutou por uma escola específica do povo Terena, que desse conta de atender às demandas da aldeia no sentido de manter a cultura e ensinar a língua materna. Hoje pode-se notar que após treze anos da implantação da Escola Indígena Elio Turi Rondon Terena, resultou na formação de vários alunos que hoje são professores e enfermeiros que lutaram a favor do estudo para atender as necessidades da comunidade como, saúde e educação, tendo acadêmicos formados pela Faculdade Intercultural Indígena da UNEMAT em Barra do Bugres, UFMT do campus de Sinop e cursistas da Faculdade do campus de Garantã do Norte, a Uniflor, AJES e Faco.

Nesse sentido, narro essa historia de meu povo, que por sua vez, vem incentivando cada vez mais os filhos a estudarem nessa escola e aprender a língua Terena e o conhecimento universal. Em uma pesquisa narrada pelo aluno Jadison Terena, aluno do ensino médio, Thalita Rafael Torres, aluna do ensino fundamental, tive a oportunidade de perceber na minha entrevista que a nossa língua é fundamental desde o ensino de alfabetização ao ensino médio e que a escola possui um papel de priorizar o conhecimento indígena do povo Terena e o conhecimento universal.

Dessa maneira podemos afirmar que a escola está contribuindo muito na formação dos alunos dando autonomia para o conselho deliberativo, para o Cacique e para a comunidade escolar, com a finalidade de decidir seu funcionamento na escolha de diretor, coordenador, professor e técnico administrativo da escola.

Enfim, tudo tem passado por lutas e progressos para conseguir a autonomia e direito de uma escola específica e diferenciada. Outro avanço que teve, foi quando o município propôs para escola Elio Turi Rondon criar uma sala específica da educação infantil no ano de 2013, onde é ensinado pela professora Rosalina Delfino somente a língua materna do povo Terena, ensinando somente na oralidade. Após a implantação da sala que ocupa o prédio da escola estadual, as crianças passaram a estudar meio período matutino a fim de aprender a falar na língua Terena. Com o passar do tempo as crianças começaram realmente a falar algumas palavras em língua Terena. Então isso nos deixou alegres por que sabemos que se as crianças estão aprendendo significa que darão continuidade no resgate da nossa língua e assim passarão a valorizar mais nossa cultura.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. A história do povo Terena. Brasília: MEC, 2000. 156p.

BOSI. Ecléia. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL/RCNEI - **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. <congressos_antigos/simposio2007/01.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2016.

DUQUESNOY, Michel. **Resiliencia cultural comunitaria como que hacer político femenino de las mujeres williche del Chaurakawin (Región de los Lagos, Chile)**. Rede de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Cuicuilco 2014, 21 (59).

NASCIMENTO, Adir Casaro; URQUIZA, Aguilara. **Currículo, Diferenças e Identidades: tendências da escola indígena Guarani e Kaiowá**. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.113-132, Jan/Jun 2010.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VINHA, Marina. **Educação escolar indígena e o Sistema Nacional de Educação**. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/>>

TEIXEIRA, Raquel F. **As línguas indígenas no Brasil**. Campo Grande: UCDB, 1995.

ZOIA, Alceu; PASUCH, Jaqueline; PERIPOLLI, Odimar João. **Dez anos dos índios Terena em Mato Grosso: aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 86-104, jan./jun. 2015.

CONSULTORES NATIVOS

Breno Rondon 18 anos possui o curso de técnico de enfermagens

Cirenio Reginaldo Cacique que liderou a saída da aldeia em Mato Grosso do Sul

Eliel Rondon uma narrativa do seu pai como um dos principais guerreiros

Jadisson Sol 16 anos aluno do ensino médio da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena

Milton Rondon 65 anos Cacique que liderou a comunidade

Sirika Isaura Alcântara 80 anos anciã da aldeia Piin/buriti minha avó falante da língua terena